



A Criatividade do Terapeuta de Família Brasileiro

(*) Juares Soares Costa

O que significa criatividade? Segundo o Dicionário Aurélio (2ª ed., 1986), "é a capacidade do criativo, do criador. Criador, do latim *creatore*, : Que cria ou criou, fecundo, fértil. Deus. Lavrador que trata da criação do gado. Criar também é dar existência a algo, tirar do nada. Produzir, imaginar. Estabelecer, fundar, Instruir, educar, cultivar. Formar-se, crescer, desenvolver-se, educar-se. Imaginar".

Vou deixar de lado a definição "tirar do nada", que se for possível, só pode ser atributo divino. Mesmo os deuses, criaram a partir de algo, do caos, mas nunca do nada. O caos pode ser definido tanto como o vazio obscuro e ilimitado que antecede à criação do mundo, ou como aquilo que está confuso, em desordem. Podemos imaginar que um dia Zeus, ou Jeová, ou que outro nome lhe seja dado, olhou para o infinito, e resolveu "botar um pouco de ordem naquilo que estava bagunçado" (bagunçado para Ele, bem entendido). Durante algum tempo funcionou, mas Adão, ou Prometeu, não sei direito, roubou um pouco daquele fogo divino, que traz a inquietação, a curiosidade, a imaginação, o desejo de conhecer e de criar algo novo.. O resto da história já conhecemos, fomos expulsos do paraíso, e aqui estamos até hoje, curiosos, perguntadores, vivenciando uma outra praga divina: "Serás criativo, mas também nunca ficarás satisfeito." E sempre haverá alguém para discordar de você.

O ser humano é criativo. É capaz de criar vida, de dar origem a outro ser humano, que a princípio parece uma cópia exata daqueles que lhe deram origem, "É a cara do pai, é a mãe sem tirar nem por." Mas vivemos uma contradição entre o impulso criador, e a necessidade de conservação. Vou explicar melhor:

Nosso próprio processo de aprendizado é paradoxal. Para uma criança pequena, cada coisa tem uma gama quase infinita de possibilidades. Aos poucos vamos restringindo o número de significados possíveis, assim vamos aprendendo a chamar algo de árvore, a alguém de mãe, ou pai, a utilizar algumas coisas como comida, a identificar alguns traços como letras do alfabeto, etc...

(*) JUARES SOARES COSTA, Psiquiatra e Terapeuta Sistêmico, Diretor do INSTITUTO DE TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL DE CAMPINAS,
Fone/fax 0xx19-2422823
e-mail: juares@scosta.med.br



O aprendizado, que se baseia na diminuição, na restrição de significados possíveis, abre a porta para a busca de outros significados, que ao serem estabelecidos, questiona muitas vezes o significado anterior.

Eis um outro dilema: Como fomos educados? Como educamos nossos filhos? Educação para buscar o novo, ou educação para garantir o que já se conhece? Educação para possibilitar novos vãos, ou para nos deixar acorrentados à terra?

Estamos lembrando os 500 anos da chegada dos europeus a Pindorama, que é como os habitantes de então chamavam sua terra. E os colonizadores chegaram com uma idéia em mente: tinham que ensinar aos nativos o jeito certo de ser, dar-lhes a luz divina, de que se acreditavam portadores. E ensinar era, para eles, (e é ainda para muitos até hoje), um processo unidirecional, onde aquele que sabia enfiava o conhecimento dentro daquele que não sabia, muitas vezes recorrendo à métodos físicos para tanto. O aprendiz era supostamente um receptor passivo, um recipiente vazio, que seria preenchido com a verdade.

Felizmente, mesmo que não nos demos conta, o aprendizado é um processo relacional, de mão dupla, onde todos aprendem e todos ensinam, embora o conhecimento assim construído, nem sempre seja aceito e reconhecido.

Uma mirada sobre os 500 anos de nossa história, vai encontrar um constante conflito entre a criação e a tentativa (muitas vezes bem sucedida) de desqualificar ou até de extinguir aquilo que surge como novidade. E novidade não necessariamente para quem vive este processo, mas para aquele que quer que as coisas fiquem como estão.

O brasileiro é criativo, como todos os povos podem ser. Criativo na cultura, na comida, na língua, nas artes, nas curas, na mistura de campos sem fim. É criativo quando se abre ao novo, mas mantém seus pés em sua terra, em sua história, e ao mesmo tempo põe os olhos no que anseia para seu futuro.

Ao mesmo tempo, não somos criativos, pois fomos educados, e educamos nossos filhos de forma a desvalorizar estas possibilidades. O novo é atraente, mas também incomoda.



A história da prática e ensino das psicoterapias nos Brasil é ainda muito nova. Com exceção de algumas iniciativas pioneiras, não tem mais de 50 anos. E tem sido, predominantemente, uma história de cisões, de inquisições, de caça aos hereges, de busca de manutenção do poder, que está relacionado com o saber oficial. E de sua apropriação por instituições, universitárias ou não, que se colocam como igrejas em cujo altar arderia o fogo do "verdadeiro saber."

Este é o tipo de formação (colocar em formas?), que ao invés de incentivar o novo, busca a reprodução do " verdadeiro conhecimento". É o maior inimigo da criatividade de todos nós, enquanto terapeutas, enquanto cidadãos, e não é exclusividade de nenhum tipo de terapia em especial.

A Terapia Sistêmica, que inicialmente privilegiou a prática com famílias e casais, nasceu em um contexto onde o paradigma da modernidade, a chamada visão científica, objetiva, tinha chegado a seu auge, mas ao mesmo tempo ao seu limite, onde suas contradições não mais poderiam ficar ocultas. A Modernidade nos trouxe avanços inquestionáveis: das vacinas à viagem do homem à Lua, mas também nos trouxe, com sua visão reducionista da vida, a bomba atômica, a poluição, as grandes metrópoles com condições de vida cada vez mais insuportáveis.

O que a Visão Sistêmica da vida, que não se resume a práticas terapêuticas, enfatiza, é o fato de que *" há uma ligação em tudo: As flores que exalam perfumes,são nossas irmãs. Os cervos, os cavalos, a grande água, eis nossos irmãos. Os topos rochosos, os sulcos dos vales, o calor do corpo do cavalo, o homem: todos pertencem a mesma família.*(carta do chefe índio de Seattle, 1854).

A Terapia Sistêmica se mostra criativa, quando tem como ponto de partida, o princípio de que *" a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender alguém, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer; como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte, e que esperanças o animam."*(Boff,Leonardo, 1997)

Além da inclusão do contexto de cada um (inclusive do terapeuta), nos fenômenos a serem considerados, outro grande impulso criativo para a Terapia Sistêmica são as contribuições que vem do Construtivismo, e do Construcionismo Social.

A maioria de nós, talvez todos, fomos educados e tivemos nossa formação profissional baseada no paradigma da modernidade, ou seja, um conjunto de crenças e valores que, formatou uma determinada visão de mundo, e implicou(e ainda implica) em todo um conjunto de práticas nos mais diversos campos, tendo em comum a certeza de que o caminho para o conhecimento, para a verdade, seria a ciência, o método científico, , onde o conjunto é dividido em partes cada vez menores, . E com isto aprendemos a dividir, não vemos a conexão entre as partes.

E nós também nos dividimos.. De um lado fica nossa prática profissional, de outro a atuação política. E criatividade fica como um conceito vago, ligado ao campo das artes. Cada vez mais, felizmente, vamos nos dando conta de que esta cisão não nos ajuda,

A Terapia Sistêmica " com aporte construcionista social e construtivista reinventa a inserção do contexto social no espaço terapêutico...A terapia como prática crítica,...questiona as idéias tradicionais de neutralidade, e nos indica a pensar sobre a responsabilidade social do terapeuta, ampliando o foco da terapia cada vez mais do indivíduo, metáfora preferencial de nosso século, para metáforas como redes e conversações...Não falamos apenas de um enfoque relacional, mas de um tipo especial de enfoque relacional que é marcado pela construção de contextos que desafiam as noções de verdade, de certeza, de patologia, e como diz Saul Fuks, apontam para futuros possíveis em que a " surpresa e o imprevisto abrem a curiosidade e isto conduz ao prazer do descobrimento, ao jogo de explorar(nos) e conhecer(nos) juntos.(Rosana Rapizo, 1998)

A Terapia Sistêmica, inicialmente identificada com as palavras família e casal, passa hoje por um momento de renovação, de (re) descobrimento de que " *há uma ligação em tudo*". Hoje, podemos falar em práticas sistêmicas, que incluem desde a terapia individual, passando pelos trabalhos com casais e famílias, e ampliando para os trabalhos com as Redes Sociais. O terapeuta deixa de ser um especialista em como as famílias deveriam ser. Deixa de ser aquele que dentro de uma visão científica possuiria o conhecimento verdadeiro, a ser transmitido aos demais, e passa a ser um artífice que busca o favorecimento



de contextos de conversações, onde todos tenham direito a voz, e ninguém possa reivindicar para si um acesso privilegiado ao conhecimento..

Nestes tempos de globalização, ou como preferem alguns, de globalcolonização, estamos sempre influenciando e sendo influenciados. Penso que conseguimos ser criativos quando conseguimos "pensar globalmente e agir localmente." O que significa isto?

Significa estarmos atentos ao fato de que fazemos sempre parte de um contexto, que sempre inclui outros contextos, e de para falarmos de criatividade do terapeuta brasileiro, neste caso especial do terapeuta sistêmico brasileiro, precisamos refletir um pouco a respeito do que é ser brasileiro. Existe uma identidade brasileira? Talvez ninguém melhor que os artistas modernistas brasileiros, através de Oswald de Andrade, em seu Manifesto Antropofágico, de 1922, tenham sintetizado este processo recorrente ao afirmar que ao longo de nossa história, temos sido devorados e que temos devorado, em um movimento circular sem fim., em que nada está isolado.

Mas ao agirmos, ao trabalharmos em nossa função terapêutica, precisamos estar sempre atentos a demanda que é feita por aquelas pessoas daquele lugar específico, e quais os recursos que possuem, qual a cultura, quais os seus valores.

As práticas mais criativas que temos hoje em dia, são aquelas em que o terapeuta abandona o lugar do saber, daquele que sabe o que é melhor para as pessoas que o procuram, e passa a ser um agente facilitador de articulações, de busca de recursos no próprio grupo, na própria comunidade. Ao não se ater aos limites imprecisos do que é uma família, a prática sistêmica volta seu olhar para as redes sociais. Quem deve ser atendido em uma sessão? Todos aqueles que estiverem envolvidos com o problema. A família, os amigos, os professores, os assistentes sociais, etc...O problema define o sistema a ser atendido. O trabalho não fica limitado ao espaço do consultório, expandindo-se pelos fios da rede, da teia social.

A criatividade do terapeuta só será efetiva se houver espaço para a criatividade dos clientes. Estes sempre sabem muito mais do que se dão conta. Colaborar para que este saber aflore e seja colocado em prática deveria ser a grande tarefa criativa de todos terapeutas.